

BLOCO 8

Por que o PROFESSOR DEVE ESCREVER pelos alunos?

Texto 23: “Práticas de escrita – orientações didáticas”

Fonte: *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil - Volume 3 / Conhecimento do Mundo*. Brasília: MEC/SEF, 1998 (pp. 145 a 150).

Texto 24: “Produção Oral com destino escrito”

Fonte: *Referencial de Formação de Professores*. São Paulo: CEDAC / Centro de Educação para a Ação Comunitária, 2002. (pp. 57 e 58).

É muito comum hoje, na prática pedagógica, pensar no professor como escreva dos alunos. Há professores, no entanto, que ainda têm dúvidas se estes textos são mesmo dos alunos. Mas se pensarmos na situação de um executivo ditando uma carta para sua secretária ou de Borges, escritor argentino, ditando um romance para seu amigo depois que ficou cego, ninguém terá dúvida quem é o autor da carta ou do romance.

Claro que o papel do professor, aqui é fundamental, pois ao escrever na lousa estará explicitando aos alunos os comportamentos próprios de quem escreve e estará problematizando a produção ajudando-os a observarem o que ainda não é observável.

Os textos deste bloco buscam explicitar as condições, as intervenções e o significado desta situação didática para a aprendizagem dos alunos.

PRÁTICAS DE ESCRITA

Conteúdos:

- Participação em situações cotidianas nas quais se faz necessário o uso da escrita.
- Escrita do próprio nome em situações em que isso é necessário.
- Produção de textos individuais e/ou coletivos ditados oralmente ao professor para diversos fins.
- Prática de escrita de próprio punho, utilizando o conhecimento de que dispõe, no momento, sobre o sistema de escrita em língua materna.
- Respeito pela produção própria e alheia.

Orientações Didáticas

Na instituição de educação infantil, as crianças podem aprender a escrever produzindo oralmente textos com destino escrito. Nessas situações o professor é o escriba. A criança também aprende a escrever, fazendo-o da forma como sabe, escrevendo de próprio punho. Em ambos os casos, é necessário ter acesso à diversidade de textos escritos, testemunhar a utilização que se faz da escrita em diferentes circunstâncias, considerando as condições nas quais é produzida: para que, para quem, onde e como.

O trabalho com produção de textos deve se constituir em uma prática continuada, na qual se reproduz contexto cotidiano em que escrever tem sentido. Deve-se buscar a maior similaridade possível com as práticas de uso social, como escrever para não esquecer alguma informação, escrever para enviar uma mensagem a um destinatário ausente, escrever para que a mensagem atinja um grande número de pessoas, escrever para identificar um objeto ou uma produção etc.

O tratamento que se dá à escrita na instituição de educação infantil pode ter como base a oralidade para ensinar a linguagem que se usa para escrever. Ditar um texto para o professor, para outra criança ou para ser gravado em fita cassete é uma forma de viabilizar a produção de textos antes de as crianças saberem grafá-los. É em atividades desse tipo que elas começam a participar de um processo de produção de texto escrito, construindo conhecimento sobre essa linguagem, antes mesmo que saibam escrever autonomamente. Ao participar em atividades conjuntas de escrita a criança aprende a:

Fonte: *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil - Volume 3 / Conhecimento do Mundo*.
Brasília: MEC/ SEF, 1998



- repetir palavras ou expressões literais do texto original;
- controlar o ritmo do que está sendo ditado, quando a fala se ajusta ao tempo da escrita;
- diferenciar as atividades de contar uma história, por exemplo, da atividade de ditá-la para o professor, percebendo, portanto, que não se diz as mesmas coisas nem da mesma forma quando se fala e quando se escreve;
- retomar o texto escrito pelo professor, a fim de saber o que já está escrito e o que ainda falta escrever;
- considerar o destinatário ausente e a necessidade da clareza do texto para que ele possa compreender a mensagem;
- diferenciar entre o que o texto diz e a intenção que se teve antes de escrever;
- realizar várias versões do texto sobre o qual se trabalha, produzindo alterações que podem afetar tanto o conteúdo como a forma em que foi escrito.

O professor pode chamar a atenção sobre a estrutura do texto, negociar significados e propor a substituição do uso excessivo de “e”, “ai”, “daí” por conectivos mais adequados à linguagem escrita e de expressões que marcam temporalidade, causalidade etc., como “de repente”, “um dia”, “muitos anos depois” etc. A reelaboração dos textos produzidos, realizada coletivamente com o apoio do professor, faz com que a criança aprenda a conceber a escrita como processo, começando a coordenar os papéis de produtor e leitor a partir da intervenção do professor ou da parceria com outra criança durante o processo de produção. As crianças e o professor podem tentar melhorar o texto, acrescentando, retirando, deslocando ou transformando alguns trechos com o objetivo de torná-lo mais legível para o leitor, mais claro ou agradável de ler.

No caso das crianças maiores, o ditado entre pares favorece muito a aprendizagem, pois elas se ajudam mutuamente. Quando uma criança dita e outra escreve, aquela que dita atua como revisora para a que escreve, por meio de diversas ações, como ler o que já foi escrito para não correr o risco de escrever duas vezes a mesma palavra, diferenciar o que “já está escrito” do que “ainda não está escrito” quando a outra se perde, observar a conexão entre os enunciados, ajudar a pensar em quais letras colocar e pesquisar, em caso de dúvida, buscando palavras ou parte de palavras conhecidas em outro contexto etc.

Saber escrever o próprio nome é um valioso conhecimento que fornece às crianças um repertório básico de letras que lhes servirá de fonte de informação para produzir outras escritas. A instituição de educação infantil deve preocupar-se em marcar os pertences, os objetos pessoais e as produções das crianças com seus nomes. É importante realizar um trabalho intencional que leve ao reconhecimento e reprodução do próprio nome para que elas se apropriem progressivamente da sua escrita convencional. A coleção dos nomes das crianças de um mesmo grupo, registrados em pequenas tiras de papel, pode estar afixada em lugar visível da sala. Os nomes podem estar escritos em letra maiúscula, tipo de imprensa (conhecida também como letra de fôrma), pois, para a criança, inicialmente, é mais fácil imitar esse tipo de letra. Trata-se de



uma letra mais simples do ponto de vista gráfico que possibilita perceber cada caractere, não deixando dúvidas sobre onde começa e onde termina cada letra.

As atividades de reescrita de textos diversos devem se constituir em situações favoráveis à apropriação das características da linguagem escrita, dos gêneros, convenções e formas. Essas situações são planejadas com o objetivo de eliminar algumas dificuldades inerentes à produção de textos, pois consistem em recriar algo a partir do que já existe. Essas situações são aquelas nas quais as crianças reescrevem um texto que já está escrito por alguém e que não é reprodução literal, mas uma versão própria de um texto já existente. Podem reescrever textos já escritos e para tal precisam retirar ou acrescentar elementos com relação ao texto original. Pode-se propor às crianças que reescrevam notícias da atualidade que saíram no jornal que lhes interessou, ou uma lenda, uma história etc.

Nas atividades de escrita, parte-se do pressuposto que as crianças se apropriam dos conteúdos, transformando-os em conhecimento próprio em situações de uso, quando têm problemas a resolver e precisam colocar em jogo tudo o que sabem para fazer o melhor que podem.

As crianças que não sabem escrever de forma convencional, ao receberem um convite para fazê-lo, estão diante de uma verdadeira situação-problema, na qual se pode observar o desenvolvimento do seu processo de aprendizagem. Tal prática deve favorecer a construção de escritas de acordo com as idéias construídas pelas crianças e promover a busca de informações específicas de que necessitem, tanto nos textos disponíveis como recorrendo a informantes (outras crianças e o professor). O fato de as escritas não-convencionais serem aceitas não significa ausência de intervenção pedagógica. O conhecimento sobre a natureza e o funcionamento do sistema de escrita precisa ser construído pelas crianças com a ajuda do professor. Para que isso aconteça é preciso que ele considere as idéias das crianças ao planejar e orientar as atividades didáticas com o objetivo de desencadear e apoiar as suas ações, estabelecendo um diálogo com elas e fazendo-as avançar nos seus conhecimentos. As crianças podem saber de cor os textos que serão escritos, como, por exemplo, uma parlenda, uma poesia ou uma letra de música. Nessas atividades, as crianças precisam pensar sobre quantas e quais letras colocar para escrever o texto, usar o conhecimento disponível sobre o sistema de escrita, buscar material escrito que possa ajudar a decidir como grafar etc.

As crianças de um grupo encontram-se, em geral, em momentos diferentes no processo de construção da escrita. Essa diversidade pode resultar em ganhos no desenvolvimento do trabalho. Daí a importância de uma prática educativa que aceita e valoriza as diferenças individuais e fomenta a troca de experiências e conhecimentos entre as crianças. As atividades de escrita e de produção de textos são muito mais interessantes, portanto, quando se realizam num contexto de interação. No processo de aprendizagem, o que num dado momento uma criança consegue realizar apenas com ajuda, posteriormente poderá ser feito com relativa autonomia.

A criação de um clima favorável para o trabalho em grupo possibilita ricos intercâmbios comunicativos de enorme valor social e educativo. Para que a interação grupal cumpra seu papel, é preciso que as crianças aprendam a trabalhar juntas. Para que desenvolvam essa capacidade, é necessário um



trabalho intencional e sistemático do professor para organizar as situações de interação considerando a heterogeneidade dos conhecimentos das crianças. Além disso, é importante que o professor escolha as crianças que possam se informar mutuamente, favoreça os intercâmbios, pontue as dificuldades de entendimento, ajude a percepção de detalhes do texto etc. Deixando de ser o único informante, o professor pode organizar grupos, ou duplas de crianças que possuam hipóteses diferentes (porém próximas) sobre a língua escrita, o que favorece intercâmbios mais fecundos. As crianças podem utilizar a lousa ou letras móveis¹ e, ao confrontar suas produções, podem comparar suas escritas, consultarem-se, corrigirem-se, socializarem idéias e informações etc.

Para favorecer as práticas de escrita, algumas condições são consideradas essenciais. São elas:

- reconhecer a capacidade das crianças para escrever e dar legitimidade e significação às escritas iniciais, uma vez que estas possuem intenção comunicativa;
- propor atividades de escrita que façam sentido para as crianças, isto é, que elas saibam para que e para quem estão escrevendo, revestindo a escrita de seu caráter social;
- propor atividades que permitam diversidade de estratégias nas formas de resolução encontradas pelas crianças;
- ajudar as crianças a desenvolverem a habilidade de retornar ao texto escrito — reler o que está ou foi escrito — para reelaborá-lo, ampliá-lo, ou melhor, compreendê-lo.

¹ As letras móveis adquirem uma importante função em situações de interação, pois permitem fazer e desfazer as escritas a partir da discussão entre as crianças, comparar, pensar em como deixar a escrita final, copiar nos casos em que é preciso ter registro etc.



PRODUÇÃO ORAL COM DESTINO ESCRITO

Condições Didáticas consideradas ao planejar:

- Considerar o contexto comunicativo (para quê escrever, para quem escrever, o que escrever e como escrever) no planejamento e realização de produção coletiva de textos.
- Realizar situações de leitura de diferentes textos de um mesmo gênero para a ampliação do repertório lingüístico dos alunos e apropriação de suas características próprias a partir da familiaridade com eles.
- Utilizar estratégias de planejamento e revisão nas situações de produção coletiva.
- Favorecer a participação de todos da classe durante a produção (formas de agrupar os alunos e propostas referentes à escrita de cada parte do texto).
- Favorecer a aprendizagem de conteúdos relacionados ao que consiste um “ato de escrita” para “escritores” experientes.
- Realizar atividades de revisão de textos na presença e com a participação dos alunos que priorizem análise e reflexão sobre a língua e não apenas a “correção”.

Intervenções do professor:

- Explicitar os propósitos de escrita dos textos, bem como definir de antemão quem serão os destinatários.
- Favorecer a análise e reflexão sobre as características do texto pelos alunos.
- Registrar textualmente as propostas dos alunos para que seja possível analisá-las, elegendo a melhor forma ou elaborando coletivamente outras.
- Estabelecer um diálogo com os alunos durante a produção (incentivando-os a planejar o que será escrito, propondo que pensem em diferentes alternativas para o começo do texto, convidando-os a eleger aquela que o grupo considera mais adequada, sugerindo que busquem diversas possibilidades de expressar cada idéia, negociando a passagem do “oral” para o “escrito”, pedindo que leiam e releiam o que já foi escrito para assegurar a coerência com o que está por escrever ou para revisá-lo desde a perspectiva dos leitores, propondo modificações no planejamento inicial em função de problemas que surgem durante a produção, retomando passagens de textos já lidos pela classe).

Fonte: *Referencial de Formação de Professores*. São Paulo: CEDAC / Centro de Educação para a Ação Comunitária, 2002.



- Favorecer a verbalização dos diversos tipos de problemas que em uma situação de produção individual não podem ser explicitados, para que os alunos possam confrontar formas distintas de resolução para uma mesma questão.
- Favorecer a distinção entre o que deve e o que não deve ser escrito principalmente quando a maioria dos membros do grupo está se apropriando do sistema alfabético (para que identifiquem o que faz parte do texto ditado e as expressões conversacionais que o acompanham).

Interação Aluno / Situação Didática

Nas situações de produção oral com destino escrito os alunos podem:

- Enfrentar e resolver múltiplos problemas relativos aos processos envolvidos na produção de texto, na medida em que participam de atos de escrita e atuam como “escritores”.
- Enfrentar problemas vinculados às características dos textos que estão produzindo e utilizar fórmulas e léxico próprios.
- Discutir com outros, construir coletivamente soluções, observar aspectos do texto que não conseguiriam observar sozinhos.
- Incorporar-se ao que consiste um “ato de escrita” para “escritores” experientes.
- Distanciar-se do texto que está sendo produzido, quando posicionam-se como revisores.
- Enfrentar problemas da escrita, quando produzem pela primeira vez um gênero já conhecido, diferentes dos que se colocam na perspectiva do leitor.
- Elaborar novos conhecimentos e explicitar outros já utilizados em situação de leitura, na medida em que seja necessário tomar consciência dos mesmos para a resolução de problemas específicos, relacionados ao tipo de texto que se pretende produzir.

